
Representações sociais do Chorinho na mídia: desocupação e violência nos eventos que acontecem em espaços públicos¹

José Camilo Nunes Neto²
Gardene Leão de Castro³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender as representações sociais das matérias veiculadas no jornal O popular sobre o evento cultural chamado Chorinho, no período entre janeiro de 2018 e janeiro de 2019. Para tanto, foi feito o levantamento de todas as matérias que o citam nesse período e uma análise do conteúdo das mesmas. Ficou notável que há poucas de divulgação e que a cobertura de acontecimentos violentos no local é privilegiada, contribuindo assim para a desocupação e conseqüente aumento da violência no espaço. Além disso, foram feitos dois grupos focais, nos quais se pode observar a percepção de que as notícias de divulgação são pouco atrativas, mas as de acontecimento violento afastam as pessoas do local.

PALAVRAS-CHAVE: Representações sociais. Chorinho. Mídia. Espaços públicos. Violência urbana.

INTRODUÇÃO

O Grande Hotel Vive o Choro, popularmente conhecido como Chorinho, é um evento gratuito que acontece no centro de Goiânia, de porte médio, fácil acesso e público diverso. Como frequentador, percebi que pouco via sobre o evento na mídia, até que algum acontecimento violento acontecesse. Após esse acontecimento, aumentava as aparições do evento na mídia e a edição seguinte se tornava esvaziada. Sendo estudante de comunicação, resolvi pesquisar a participação da mídia nesse processo de desocupação e conseqüente aumento na violência em um dos poucos projetos gratuitos e acessíveis da cidade.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-graduado em Relações Públicas pela Universidade Federal de Goiás, e-mail: netonunessjjj@gmail.com.

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação. Pós-graduada em Assessoria de Comunicação e em Juventude. Professora Adjunta do Curso de Relações Públicas na Faculdade de Informação e Comunicação da UFG, e-mail: gardeneleao@gmail.com.

OBJETIVO

Para compreender a participação da mídia na desocupação dos espaços públicos, é necessário entendê-la como participante na criação das representações sociais acerca das coisas e também de espaços. As representações sociais são conhecimentos compartilhados, que, como observa Moscovici (2007), são um conjunto de ideias e práticas que organizam a forma como as pessoas comportam-se. O autor observa também que as representações possuem uma prática específica, ou seja, elas se desdobram em ato.

Nesse sentido, esse trabalho pretende fazer um levantamento e análise das matérias publicadas no jornal O Popular, segundo de maior circulação no estado de Goiás, buscando compreender qual a participação da mídia na criação das representações sociais acerca do Chorinho. Além disso, analisar a percepção de dois grupos focais sobre essas matérias analisadas.

AS DIVERSAS FACETAS DA VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE ATUAL

O evento analisado acontece em um grande centro urbano, lugares esses que giram em torno da violência, o que não necessariamente quer dizer que são altamente violentos, mas que a violência afeta diversos âmbitos na vida das pessoas, como pode ser observado nos jornais que falam o tempo todo sobre acontecimentos violentos, aumento dos condomínios fechados e outros.

Há violência, como dito por Michaud (2001), quando um ou mais sujeitos causam danos a uma ou mais pessoas, considerando também danos que vão além do físico, como em posses simbólicas ou morais. Nesse sentido, o que se observa é que há diversas formas de praticar a violência e é justamente por isso que autores como Misse (1999) e Porto (2010) afirmam que se deve falar em violências, pois é um termo que se refere a diversas coisas, com características distintas.

Souza (2008) chama de fobópole esses locais que giram em torno do medo, lugares nos quais essa sensação é tão grande que modifica o funcionamento da vida pública. Essas mudanças podem ser observadas no aumento da sensação de insegurança, no recuo da participação nos espaços públicos, no aumento dos condomínios fechados, espaços de lazer privado e outros. Caldeira (2000) chama de cidade dos muros as mudanças nos grandes centros por conta do medo. A autora

estudou a cidade de São Paulo e, em sua pesquisa, pode notar a segregação socioespacial causada por essa busca de segurança em condomínios fechados.

ESPAÇOS PÚBLICOS: LOCAL DE DIVERSIDADE

Nesse processo de isolamento, os espaços públicos foram sendo abandonados e desocupados. Para morar, condomínios fechados. Para lazer, locais privados. Os espaços públicos, local onde há o encontro de pessoas diversas, acabaram sendo evitados ao máximo.

Um espaço é “público” à medida que permite o acesso de homens e mulheres sem que precisem ser previamente selecionados. Nenhum passe é exigido, e não se registram entradas e saídas. Por isso, a presença num espaço público é anônima, e os que nele se encontram são estranhos uns aos outros, assim como são desconhecidos para os empregados da manutenção. Os espaços públicos são os lugares nos quais os estrangeiros se encontram. De certa forma eles condensam – e, por assim dizer, encerram – traços distintivos da vida urbana. É nos locais públicos que a vida urbana e tudo aquilo que a distingue das outras formas de convivência humana atingem sua mais completa expressão, com alegrias, dores, esperanças e pressentimentos que lhe são característicos. (BAUMAN, 2009, p.69)

Esses locais, como dito por Bauman (2009), condensam o que há de mais completo na vida urbana e permitem que os mais diversos grupos se encontrem e entrem em contato, independente de classes sociais e demais aspectos que os diferenciem. Nesses locais eles podem trocar experiências, memórias, ideias e muito mais. Seria, portanto, o espaço ideal para estabelecer pontes e conexões, ampliar a visão sobre os outros. Frattari (2009) observa que o isolamento do outro pode levar a evitação social e até mesmo ao ódio, sendo esses espaços locais ideais para evitar que se tenha essas consequências.

Portanto, espaços públicos devem ser espaços privilegiados por sociedades que valorizem a diversidade de pensamento, o debate e a troca de ideias, pois são nesses espaços, que, como observado por Bauman (2003), a vida urbana se mostra claramente: diversa e complexa. Dessa forma, é exatamente o contrário do que pesquisadores como Caldeira (2000) e Frattari (2009) notaram que vem acontecendo nos grandes centros, nos quais esses espaços ricos tem perdido cada vez mais espaço para locais fechados e isolados.

PARTICIPAÇÃO DA GRANDE MÍDIA: CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES, DESOCUPAÇÃO E AUMENTO DA VIOLÊNCIA

Como dito anteriormente, diversos autores afirmam que se devem falar em violências, não violência, pois é um termo que abrange diversos tipos de violência que possuem características e raízes diversas. Nesse sentido, um dos tipos das violências que pode ser observado é a simbólica, que Bordieu (2003) considera:

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento [...] (BOURDIEU, 2003,p.7 -8).

O autor observa que essa forma de violência, embora menos visível, não é menos perigosa. Justamente por ser mais difícil de se perceber, ela é ainda mais perigosa. Uma das grandes detentoras do uso da violência simbólica é a grande mídia que, mesmo antes da divulgação de notícias, já tem um filtro que funciona como uma censura invisível, privilegiando conteúdos em detrimento de outro. Dessa forma, a grande mídia pode escolher o que é ou não visto pelas pessoas, o que é colocado ou não no centro de debate.

Com o processo de globalização, Porto (2010) notou que houve um aumento da divulgação e da espetacularização da violência. Nesse sentido, a autora percebeu que a mesma passou a ser comercializada. A autora observa ainda que, nesse processo de espetacularização mediada pela mídia, o resultado é a modificação das relações sociais e da institucionalização da segurança privada como solução. Sendo um dos participantes ativos da construção das representações sociais de cidades inseguras, a mídia é uma das responsáveis por essas modificações citadas anteriormente. Por representações sociais, Moscovici conceitua:

Há numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. Mas o estudo de como, e porque, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam idéias em prática - numa palavra, o poder das idéias - é o problema específico da psicologia social. (MOSCOVICI, 2007, p.8)

O autor compreende que as representações sociais modificam a realidade, ou seja, a partir da criação de um conhecimento partilhado, elas criam práticas específicas. Uma prática específica da representação de uma cidade insegura, por exemplo, é se isolar em condomínios fechados, frequentar apenas locais de lazer privado e evitar ao máximo espaços públicos.

A construção dessas representações sociais se dá em dois momentos: a ancoragem e a objetificação. O primeiro momento, da ancoragem, é o que cria a associação de algo a determinada característica, seja ela boa ou ruim. Jodelet (2001) considera que ancorar é, justamente, transformar algo não familiar em familiar. O segundo momento, da objetificação, é quando, movidos por essa associação, colocamos a ancoragem em ação através de práticas específicas. É assim que, por exemplo, o preconceito se manifesta na sociedade: primeiro se tem algo desconhecido, cria-se uma ideia sobre esse algo e, a partir dessa ideia, têm ações específicas.

O que fica notável é a participação das grandes mídias na construção dessas representações sociais. Essa construção pode ser feita com a divulgação de algo em detrimento de outro, da não divulgação ou até mesmo do excesso de divulgação. Quando se refere a violência, como observado por Porto (2009), a grande mídia tem divulgado excessivamente, modificando a sociedade e a maneira como as relações acontecem. A autora afirma também que ela é, inclusive, um dos maiores influenciadores das representações sociais, comparando-a com um tribunal de júri, que constantemente está acusando ou absolvendo alguém. Compreender essa participação ativa da mídia no processo de construção das representações é importante para que possamos pensar como as notícias influenciam a sociedade, podendo gerar desocupação e, conseqüentemente, maior violência nos eventos que acontecem em espaços públicos.

Uma vez compreendido o poder da mídia em criar as representações sociais, sua participação na criação da representação de cidades inseguras e também a importância dos eventos abertos em espaços públicos, surge o questionamento mais específico de qual a participação da mesma na divulgação desses espaços tão importantes para a vida em sociedade.

UM EVENTO GOIANO NO ESPAÇO PÚBLICO: O CHORINHO

O Chorinho, como ficou conhecido o projeto Grande Hotel vive o choro, é um evento cultural gratuito que acontece no centro de Goiânia. Já chegou a levar cerca de 3.000 pessoas para o centro da cidade, mostrando assim esse espaço como viável para a arte, música, diversão e cultura de forma acessível. Atualmente acontece a cada duas semanas, mas na época em que as matérias foram analisadas acontecia semanalmente.

Na contramão da maior parte da programação cultural da cidade que se localiza em setores nobres e afastados, geralmente em bares e boates fechadas, o Chorinho se propõe como um evento gratuito, aberto e acessível. Conta com investimento público e leva, a cada edição, artistas regionais. Carne doce, Grace Carvalho, Grupo Dengo e Patocan são alguns dos nomes que já tocaram no local.

Dessa forma, para compreender a participação da mídia no investimento da ocupação dos espaços públicos e do lazer acessível, foi escolhido o Chorinho, o evento público de maior expressividade da cidade, para analisar e compreender esse processo.

MÁTERIAS VEICULADAS

Durante o período analisado, o de um ano, foram analisadas as matérias digitais que citavam o Chorinho no período entre janeiro de 2018 e janeiro de 2019. Todas as matérias que faziam menção ao evento foram selecionadas, mesmo que ele não seja o foco. Nesse período, foram cerca de cinquenta e duas edições do mesmo, com um público médio de 2000 pessoas, sendo citado nas mídias digitais do jornal 13 vezes.

Dentre essas 13 menções, 8 delas não tem foco no evento, mas apenas o cita. A princípio, de forma geral, o que se percebe são poucas matérias para um evento de porte médio. 13 matérias já seriam um número baixo, mas se levarmos em conta que 8 delas não o têm como protagonista, esse número fica ainda menor.

Para analisar mais a fundo cada uma das aparições, essas matérias foram divididas em três categorias: divulgação direcionada, acontecimentos violentos e citações indiretas. Dessa forma, serão analisadas as matérias que se encaixam em cada uma dessas categorias a seguir.

MATÉRIAS DE DIVULGAÇÃO DIRECIONADAS

Nessa categoria se encaixam as matérias de divulgação que tem como foco o evento, ou seja, o mesmo é protagonista nessas matérias. São três matérias. A primeira delas na imagem a seguir:

Imagem 1 – Matéria de divulgação 1



Fonte: Site do O Popular, 2019

Há grande visibilidade dos cantores, que tem suas trajetória exploradas, mas há pouco foco no evento em si. Nesse sentido, caso o leitor não conheça o mesmo, pode pensar que seja um show pontual, pois não tem maiores detalhes ou informações sobre o projeto, que informe a regularidade das edições e sua história. Sendo assim, mesmo que divulgue, é uma matéria pouco atrativa e falta informações importantes.

A segunda já traz as informações pontuais que faltam na primeira e, embora em seu corpo também dê mais atenção para as atrações, já fala sobre a volta do evento, a regularidade e outros detalhes pontuais. A terceira matéria, logo abaixo, é a única das três que consegue explorar as potencialidades desse projeto, mas mesmo assim ela vem para discutir a insegurança nos espaços públicos, ou seja, é uma matéria de divulgação após os acontecimentos violentos.

Imagem 2 – Matéria de divulgação 2



Fonte: Site O Popular, 2019

O que se percebe é que exploraram pouco as potencialidades do espaço público ditas por Bauman (2009), de exprimir “as alegrias, dores, esperanças, e pressentimentos (...)”, estimular o convívio entre grupos diversos, a troca de ideias e o debate.. De modo geral, a maioria é pouco atrativa. Além disso, três matérias de divulgação é um número baixo, levando em consideração o período analisado e a quantidade de edições que ocorreram no mesmo. Em um ano e cerca de cinquenta e duas edições, apenas 3 matérias de divulgação.

MATÉRIAS SEM FOCO NO EVENTO

A segunda categoria é a de matérias sem foco no evento. Nesta, o evento é citado, mas não têm protagonismo. O que se espera de um evento com tamanho médio, público fiel e gratuito é que apareça com alguma regularidade em matérias de divulgação, mas esse não é o caso dessas matérias. Ainda assim, a maior parte das matérias em que o evento aparece nesse período, um total de 8, se encaixa nessa categoria.

Dessas 8 matérias, a grande maioria são citações do evento que aparecem no seguinte formato do caderno Magazine:

Imagem 3 – Matéria sem foco no Chorinho



Confira a programação de lazer deste fim de semana em Goiânia

edição O POPULAR 07/12/2018 - 18:00
SEXTA-FEIRA (2)

TEATRO

O Boneco de Cor – Com Cia. Teatro do Maleiro. No Teatro Cidade Livre, às 19h30. Entrada franca. Av. Progresso, Qd. 21 Lt. 4, Jardim Monte Cristo, Aparecida de Goiânia. Informações: 3248-6273.

SHOW

Banda Varukers – Com bandas locais como Death From Above, Ímpeto e Ressonância Mórfica. No Centro Cultural Martim Cereré, a partir das 19 horas. Ingresso: R\$ 140 (inteira). Valor de segundo lote, sujeito a aumento de acordo com a demanda. Rua 94-A, Setor Sul. Informações: www.lojamonstro.com.br

Diego Mascate, Patocan e Grupo Denço – No projeto Grande Hotel Revive o Choro, o Chorinho, a partir das 19 horas. Entrada franca. Av. Goiás, nº

Fonte: Site O Popular, 2019

É uma agenda cultural da cidade e o que primeiro se percebe é que não se trata de uma matéria de divulgação de um evento, mas um apanhado para mostrar algumas coisas que acontecem na cidade durante o fim de semana. Novamente, as bandas tem maior visibilidade que o evento e faltam informações que mostrem que acontece sempre naquele local. Além disso, o evento está em meio a inúmeros outros, em sua maioria

pagos, ou seja, de lazer privado. Silva (2009) nota que os espaços públicos estão em desaparecimento, sendo uma das causas a privatização dos espaços. Dessa forma, é possível observar que há uma divulgação maior dos eventos privados nesse caderno. Além disso, também têm um público específico, justamente pelo seu formato que, como dito anteriormente, não dá maiores informações sobre os eventos citados. Dessa forma, não serve pra atingir o público que não conhece o Chorinho, pois não mostra muito sobre o projeto, só mostra ele como uma alternativa pontual naquela semana.

Ainda assim, durante o período analisado o evento aconteceu cerca de 52 vezes, mas apareceu somente cinco, mesmo nesse formato de divulgação rápida e direta, sem muitas informações. Novamente, um número baixo de matérias.

As outras citações nessa categoria são, respectivamente, no debate político e em meio a uma matéria sobre a arquitetura do centro da cidade. Em ambas, está inserida em uma discussão maior e não têm maiores detalhes sobre o projeto.

Dessa forma, o que se percebe é que a maior parte das vezes em que o evento é citado, não têm como principal foco a divulgação do mesmo. O número total de aparições nas mídias digitais do O Popular é 13, sendo 8 delas nessa categoria, ou seja, em 53,7% das vezes em que aparece, o evento não é o principal foco.

MATÉRIAS DE ACONTECIMENTO VIOLENTO

A terceira categoria de matéria na qual o evento aparece nas mídia digitais do O Popular é quando ocorre algum acontecimento violento no local. Durante o período analisado foram duas matérias sobre o tema, sendo as duas referentes ao mesmo acontecimento. Elas possuem texto compartilhando, tendo a segunda informações extras.

Imagem 4 – Matéria acontecimento violento

Jovem assassinado no Chorinho tinha passagens pela polícia e estava solto há uma semana

Ítalo Perdigão, de 19 anos, contava, em sua ficha policial, com crimes como tráfico de drogas, porte ilegal de arma de fogo e roubo



Fonte: Site O Popular

Há menção a insegurança do local e citam, inclusive, acontecimentos anteriores. De início, o título é bem chamativo “Jovem é assassinado no Chorinho, no centro de Goiânia”. Em uma sociedade que, como Porto (2010) observa, trata a violência como produto e espetaculariza esses acontecimentos, essa matéria terá uma repercussão poderosa. Dessa forma, a repercussão dessa matéria, que não levanta maiores discussões sobre segurança pública, pode levar as pessoas a se afastarem do evento.

Há todas as informações para o leitor que não conhece o projeto, falam o que é o Chorinho (diferente da primeira matéria de divulgação), onde fica, têm foto do local (em duas das de divulgação há foto das bandas). O evento, como visto anteriormente, pouco aparece na grande mídia para divulgação. Do total de 13 matérias, apenas 3 são de divulgação. De um único acontecimento violento em um das edições, duas matérias sobre o assunto. O que se nota é que há, de fato, uma espetacularização da violência, como observado por Porto (2010). Conscientemente ou não, há maior cobertura de atos violentos nos eventos que acontecem espaço público, do que uma cobertura para divulgação e valorização desses espaços. Se, portanto, há uma espetacularização da violência e, como observado por Porto (2010) e Garland (2008), esse processo de espetacularização tem como resultado a institucionalização da segurança privada, pode-se compreender que, no que tange a eventos públicos, tem como resultado o afastamento desses espaços e a busca por lazer privado.

GRUPOS FOCAIS E AS REPRESENTAÇÕES PERCEBIDAS

Para compreender melhor as representações dessa matérias, foi organizado dois grupos focais com 7 integrantes cada. Por grupos focais se entende, segundo Berg (1998), um diálogo com pequenos grupos sobre temas específicos. Foram divididos em pessoas que já conhecem o Chorinho (7) e pessoas que nunca foram (7). Nesse sentido, a intenção é comparar o que elas pensam do evento, qual sensação a matéria desperta e se iria ao evento a partir delas. O método de seleção amostral foi o bola de neve, no qual escolhe-se aleatoriamente um primeiro integrante para o grupo e pede indicação dos demais. O único critério para a participação era que os integrantes tivessem entre 20 e 40 anos, estimativa de idade do público que frequenta o Chorinho dada pelo seu idealizador, Carlos Brandão. Foram apresentadas para discussão 4 matérias para cada grupo: duas sem foco no evento, uma de acontecimento violento e uma de divulgação.

PERCEPÇÃO DOS GRUPOS SOBRE AS MATÉRIAS DE DIVULGAÇÃO

Quando apresentados a matéria de divulgação do evento, a maior parte do grupo de pessoas que nunca foram ao mesmo destacou que não era muito atrativa e não despertava interesse. Indo de encontro a análise das matérias, eles também perceberam que a banda estava com maior visibilidade e foco do que o evento

Eu tenho que concordar, porque até o título da matéria não fala nem que é show, tem magazine em cima e já fala: diego mascate, patocan e grupo deno no chorinho (L, 19 anos)

Exatamente. Se você não conhece nem o que seja isso, pode ser qualquer coisa. Não fala nada, sabe? Pode ser qualquer lugar (...)Chorinho é um show? Chorinho é um cantor? Chorinho é um artista? (G, 25 anos)

Fica claro que falta nessas matérias explorar as potencialidades já citadas de um evento como esse e criar uma atmosfera que faça as pessoas se interessarem. Ficou claro que não conseguiu o público que não conhece o evento. Em contrapartida, o grupo de pessoas que já conhecem o Chorinho, achou a matéria interessante, já que eles não necessitavam de maiores informações ou atrativos, pois já tinham uma experiência anterior.

É interessante notar que, como dito por Guareschi (2010), embora as representações sejam conhecimento partilhado, ainda possuem lutas e conflitos internos. A percepção dos grupos foi diferente, devido as suas experiências com o evento ou a falta delas. Quem já o conhecia, achou a matéria atrativa. Quem não o conhecia, não achou atrativa.

PERCEPÇÃO DOS GRUPOS SOBRE AS MATÉRIAS DE VIOLÊNCIA

Quando apresentados ao acontecimento violento, o grupo de pessoas que não conhece o evento achou a matéria chocante e mais completa.. Após o contato com a mesma, relataram que não iriam ao local por medo. Silva (2009) compreende que a insegurança percebida pela população das cidades afastam-nas das ruas. De encontro ao que o autor diz, ficou perceptível que esse grupo, após ser apresentado a essa matéria, mostrou uma tendência a não ir ao evento.

Lá é um covil de pessoas assassinas, parece que é isso que ele fala. (...) (G, 25)

E a foto? A foto é assustadora, né? Um monte de viatura, um monte de policial e uma área cercada. Também tem data, outro acontecimento, local, outro assassinado, no outro não resgata outros shows, nada. Aí fala mais do chorinho que no outro. (L, 20 anos)

Ainda assim, como pode ser visto no comentário abaixo, de acordo com a evolução da discussão eles passaram a estabelecer pontos de comparação com a matéria de divulgação. A percepção geral foi de que essa é muito mais chamativa e tem mais informações, levantando inclusive acontecimentos violentos anteriores.

Essa matéria é o oposto da outra que a gente viu. Seja pela formatação, pelo tamanho. Ela é matéria com foto, ela chama mais atenção. Antes de ler, o título dela: Jovem assassinado no Chorinho. (...) É mais vantajoso vender essa que a outra. Vender coisa ruim da cultura do que vender as coisas boas, fazer as pessoas conhecerem, seja lá qual seja o motivo da escolha (G, 25)

Dessa forma, o que se compreende é que, como mostra Garland (2008), há um grande investimento na sensação de insegurança. Silva (2009) observa que fatores como uma boa iluminação e circulação de pessoas aumentam a segurança nos locais. Para se ter uma contrapartida na matéria e, como foi notado pelo grupo, poderiam ser levantados esses pontos para atenuar a sensação de insegurança do evento. Além disso, uma das integrantes do grupo nota que a percepção do que ela vê na mídia, no geral, é a representação de eventos públicos como inseguros.

E acaba tendo aquela impressãozinha. Poxa, quando tentam fazer um rolê cultural em Goiânia, acontece essas merdas. Então os próximos acontecimentos podem ficar um resquício na sua mente, tipo: ah, é rolê cultura, é aberto, então corre risco de assassinato. (V, 20 anos)

Dessa forma, justamente como foi levantado na análise das matérias, há pouco investimento em mostrar a qualidade do evento e aumentar seu público. O que Porto (2010) notou em sua pesquisa, da alta espetacularização da violência, também pode ser observado na cobertura feita do Chorinho pela mídia. Quando há algum acontecimento violento, se têm alta cobertura, mas há pouco investimento na divulgação. As consequências são o afastamento do evento e a imagem de local inseguro, como pode ser observado na percepção do grupo focal de pessoas que não conhecem o mesmo.

O segundo grupo, de pessoas que já conhecem e frequentam o Chorinho teve, novamente, uma percepção diferente das matérias. Por já conhecerem o projeto,

perceberam que essa matéria distoa das suas experiências lá. Ainda assim, foi possível notar o discurso de representação de cidade insegura mesmo nesse grupo:

Eu acho que pra gente, que sempre frequentou o chorinho... Sempre foi um lugar bem mais leve, assim. Então, nunca foi pra mim, talvez porque eu nunca presenciei nenhum tipo de violência, só ouvi as pessoas falarem. É uma coisa que distoa muito pra mim. (...)Então eu acho que podem acontecer sim, assim como pode acontecer violência em qualquer lugar, contando que é um lugar aberto né, mas isso não tem que caracterizar o evento, sabe?. (LZ, 20 anos)

Quando vai pra sociedade, a pessoa que escreve uma nota como essa, choca. Eu conheço pessoas que frequentavam o chorinho e não vão mais. “Ah, o chorinho tá tenso”. Gente? Como assim tenso? Isso acontece em Goiânia inteira. (S,34 anos)

Ficou claro que, novamente, houve uma leitura diferente de ambos os grupos da matéria. Mesmo assim, os dois a consideraram mais chocante. O primeiro grupo, de pessoas que nunca foram ao evento, ficou com receio do espaço após a leitura. O segundo, que já conhecia, sentiu que distoa da realidade do local.

PERCEPÇÃO DOS GRUPOS SOBRE AS MATÉRIAS SEM FOCO

A primeira matéria dessa categoria apresentada foi a que o Chorinho é citado em meio a história da arquitetura do centro. Sendo assim, tem foco na história do local, não do Chorinho. Por se tratar de uma matéria interessante sobre a cidade, ambos os grupos acharam interessante, mas houve pouco interesse no evento a partir dela. Houve, inclusive, um questionamento sobre a possibilidade de uma matéria nesse formato focada no evento, mostrando o local como parte importante da cultura local e explorando sua trajetória.

Se fizessem uma matéria igual fizeram com o grande hotel com o chorinho. Quando foi feito, quem fez, em que época, porque foi criado (...) (G, 25 anos)

A segunda matéria desta categoria apresentada foi a do calendário de eventos, que cita o Chorinho em meio a inúmeros outros. Novamente, o grupo de pessoas que não frequentam o evento sentiu falta de informações mais detalhadas sobre o projeto, já que é um formato muito direto. O segundo grupo, embora já conheça o evento, encarou como um bom lembrete, mas pouco chamativo. Dessa forma, não foi considerada atrativa para nenhum dos grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento e análise das matérias mostrou que o evento, de porte médio e semanal, pouco aparece no jornal. O número de matérias veiculadas no período, 13, é baixo, sendo que 8 delas não tem como foco a divulgação do evento. É notável a carência de mais visibilidade na mídia, que possa trazer mais gente e apoiar um projeto com tamanha potencialidade. Além disso, um único acontecimento violento teve maior cobertura que qualquer uma das mais de 50 edições do evento, mostrando que, como observado por autores como Porto (2010) e Magrini (2013), a violência é tratada como um produto e é espetacularizada.

Para compreender a percepção das pessoas sobre as matérias foram feitos dois grupos focais: de pessoas que nunca foram ao evento e de pessoas que foram. O que se observou no primeiro grupo é que as matérias de divulgação chamam pouca atenção, enquanto a de acontecimento violento tinha maior impacto. Sendo assim, as matérias para divulgar não conseguiram criar uma conexão e serem atrativas para esse grupo, enquanto as de violência conseguiram chocar. O que se percebe é que há, portanto, a tendência ao afastamento do evento com base na percepção deles sobre as matérias.

O segundo grupo, de pessoas que já conhecem o evento, levava em conta sua experiência ao serem apresentados a essas notícias. Dessa forma, para esse grupo as matérias de divulgação eram interessantes, pois já havia interesse prévio. Além disso, ao serem apresentados a notícia do acontecimento violento, mesmo achando chocante, estabeleciam um paralelo com sua experiência no Chorinho, considerando que destoava da realidade. Embora nenhum grupo tenha recebido as matérias sem criticidade, notou-se que a experiência anterior com o evento foi um fator importante e afetou a percepção.

Ficou claro que há maior investimento e interesse da mídia na divulgação de acontecimentos violentos do que na promoção e incentivo desse espaço de lazer. Além disso, o evento tem carência de matérias que sejam mais atrativas, contem sua história e, de fato, exponham as potencialidades de um evento aberto em espaço público.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Confiança e medo na cidade. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

BERG, B. Qualitative research methods for the social sciences. 4ªed. MA (USA): Allyn & Bacon, 1998.

BORDIEU, P. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: 6 Ed. Bertrand Brasil, 2003.

CALDEIRA, T. São Paulo: três padrões de segregação espacial in: CALDEIRA, T. P. do R. Cidade dos muros. Crime segregação e cidadania em São Paulo. SP: Editora 34 / Edusp, 2000. p.211 a 255.

FRATTARI, N. Insegurança: as práticas e discursos do medo na cidade de Goiânia. Dissertação - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão In: JODELET, D. (Org.). Representações sociais. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

MAGRINI, M. Vidas em enclaves. Imaginário das cidades inseguras e fragmentação socioespacial em contextos não metropolitanos. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, São Paulo, 2013.

MICHAUD, Y. A violência. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

MISSE, M. Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Tese (doutorado em Sociologia) . Rio de Janeiro: Iuperj, 1999.

MOSCOVICI, S. Representações Sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007

PORTO, M. Mídia, segurança pública e representações sociais. Revista Tempo Social, São Paulo: USP, Departamento de Sociologia, v.21, n.2, 2009. 69

_____. Sociologia da Violência. Do conceito às representações. Brasília: Verbana Editora. 2010.

SOUZA, M. Rio de Janeiro: Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. – RJ: Bertrand Brasil, 2008.

SILVA, L. Espaço público e cidadania: usos e manifestações urbanas. UFRJ/FAU, 2009